

Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 25/05/2015

- [Comissão discute maioria penal com o coordenador do Sinase e o cantor Amado Batista](#)
- [Caminhos do incesto: a criança-fetiche](#)

Assunto: Comissão discute maioria penal com o coordenador do Sinase e o cantor Amado Batista

Fonte: Câmara dos Deputados

Data: 25/05/2015



A comissão especial que analisa a proposta de redução da maioria penal de 18 para 16 anos (PEC 171/93) realiza audiência pública nesta quarta-feira (27), às 14h30, para debater o tema com o coordenador-executivo do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), Cláudio Augusto Vieira da Silva, e o cantor e compositor Amado Batista.

O convite ao coordenador do Sinase foi feito pelas deputadas Maria do Rosário (PT-RS) e Margarida Salomão (PT-MG). Com o debate, elas pretendem fazer uma maior reflexão dos impactos almejados pela redução da maioria penal, “no sentido de averiguar sua eficácia para o controle da criminalidade e reinserção social dos infratores, sob pena de retrocedermos na conquista de direitos fundamentais de sujeitos de direitos genuínos, que são as crianças e os adolescentes”.

Já a deputada Magda Mofatto (PR-GO) chamou o cantor Amado Batista porque ele mesmo a procurou pedindo para participar do debate na comissão. Ela acha “muito importante que pessoas de renome se manifestem a esse respeito”.

Segundo a deputada, Batista vai participar da audiência como cidadão comum e como um cantor que tem opinião formada sobre o tema. Magda afirmou que ele defende a redução da maioria penal juntamente com mudanças no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei 8.069/90), para que os jovens tenham permissão para trabalhar antes dos 16 anos, já que muitos abandonam a escola e, como não podem ter um trabalho formal, acabam pendendo para a criminalidade.

A audiência ocorrerá no plenário 13.

Assunto: Caminhos do incesto: a criança-fetiche

Fonte: Childhood Brasil

Data: 25/05/2015



As psicanalistas Graça Pizá e Gabriela Barbosa ganharam, em 2005, o Prêmio Jabuti pelo livro *A Violência Silenciosa do Incesto* (2004), no qual revelam o “vocabulário ilustrado dos afetos emparedados”, uma síntese de conceitos expostos nos desenhos realizados pelas vítimas do abuso incestuoso atendidas na Clínica Psicanalítica da Violência, fundada pelas duas terapeutas. São imagens pungentes, de crianças que ainda não sabem elaborar o que estão sofrendo, mas que expressam, por meio das ilustrações, a situação de horror que vivem em casa.

Desenho contido no livro “A violência silenciosa do incesto”, de Graça Pizá

“Antes de vir me tratar, eu era assim, sem braços para me defender”, diz uma menina sobre a imagem de si mesma com batom vermelho e salto alto. “Agora fiquei mais feliz”. “Ela se desenha como menina de novo, mas põe garras em lugar das mãos para se defender daquele que era amoroso e se tornou um monstro”, explica Graça.

Segundo a psicanalista, a criança tem sexualidade própria e bem diferente daquela do adulto, cujo desenvolvimento acompanha a evolução natural do ser humano. “A violência sexual interrompe esse processo, dilui as fases da sexualidade e joga a criança imediatamente numa experiência adulta”, afirma. Graça compara a “implosão afetiva” sofrida pelas vítimas à implosão das bases de um prédio em construção. “Ora, sem a base, você acha que esse edifício vai ser erguido? É o que acontece com a psique da criança.”



Em muitos desenhos, a figura do pai abusador assume contornos cruéis. “Aos olhos da criança, o pai perverso é aquele que trai seu amor, que não reconhece seu lugar e seu direito à felicidade. No interior dessa luta, dessa dominação, surge na criança o sentimento de impotência. A traição amorosa impõe a submissão, o rebaixamento afetivo e moral e, por fim, sofrimento e humilhação”, define Graça.

Com base em sua experiência de três décadas de atendimento, a psicanalista criou o termo “criança-fetichê” para tentar explicar o fenômeno do incesto, ainda mantido em segredo por muitas famílias, independentemente de sua classe social. “Essas crianças não são consideradas como sujeitos, com direitos e desejos, mas transformadas em objetos”, afirma. Sem conseguir se defender, paralisada pelo medo e pela incompreensão, a vítima de incesto não aprende a perceber, a identificar, a sentir ou mesmo a internalizar os afetos essenciais à vida humana.

Por isso, diz Graça, é fundamental que a criança possa falar da violência que está sofrendo a fim de sair dessa situação. Em muitos casos, ela se expressa por meio da linguagem não-verbal, a exemplo dos desenhos. Somente com a possibilidade de expor suas emoções, conseguirá entender o sentido da violência sofrida. E, então, como diz o texto de apresentação ao primeiro filme de Graça, o curta *A Escuta do Silêncio*, de 2003, a criança “compreenderá, por fim, a lógica dos afetos emparedados. E sairá deste abismo de terror para encontrar sua travessia.”